

**“VOCÊ OUVI A RÁDIO YANDÊ, A RÁDIO DE TODOS NÓS”**

a construção de uma etnomídia indígena cidadã

**Alberto Efendy Maldonado**

Professor Titular/Pesquisador do PPGCC – UNISINOS; coordenador do GP PROCESSOCOM e da Rede AMLAT. Autor de pesquisas de referência sobre problemáticas epistemológicas, metodológicas, teóricas e de processos comunicacionais na América Latina.  
ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-5704-4544>>.  
E-mail: [efendymaldonado@gmail.com](mailto:efendymaldonado@gmail.com).

**Anápuàka Muniz Tupinambá Hã Hã Hãe**

Estudante de Jornalismo da Faculdade Católica Paulista, etnocomunicador, fundador e produtor executivo da Rádio Yandê, Casa Yandê, Prêmio da Música Indígena Contemporânea – Yby Festival, Yby MANI, especialista em HiperMuseus, RedSkin Money.  
ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-9169-6311>>.  
E-mail: [anapuakamuniztupinamba@gmail.com](mailto:anapuakamuniztupinamba@gmail.com).

**Raquel Gomes Carneiro**

Mestre e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS – São Leopoldo/RS. Linha de Pesquisa 3 – Cultura, Cidadania e Tecnologias da Comunicação. Membro do Grupo de Pesquisa PROCESSOCOM, integrante da Rede AMLAT.  
ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-4755-4532>>.  
E-mail: [raquel.gomes.carneiro@gmail.com](mailto:raquel.gomes.carneiro@gmail.com).

**Resumo:** A proposta em decurso apresenta a *etnomídia indígena* elaborada pela Rádio Yandê, autointitulada “*a primeira web rádio indígena do Brasil*”, como hipótese de uma comunicação mais humana, comunitária, inclusiva e democratizante ao promover o diálogo e a escuta de seres, valores, narrativas e saberes de culturas ancestrais. Nosso objetivo é o de apresentar um recorte de nossa investigação de Mestrado ao refletir como os *sujeitos comunicacionais indígenas* tecem seus processos e fluxos etnocomunicacionais, reconfigurando suas identidades étnicas ao elaborar e fomentar um território comunicacional de informação e resistência no exercício de uma cidadania comunicativa. A partir de uma mirada transmetodológica, elaboramos processos e consideramos dimensões que acolhem e trabalham imbricações sociopolíticas, culturais e antropológicas do meio web rádio pensado por *sujeitos comunicacionais indígenas*, que são *multidimensionais* e que geram ambiências de encontros comunicacionais e interculturais. Nossa artesanaria final nos permite concluir que a *etnomídia indígena* e os *processos etnocomunicacionais* da Rádio Yandê fortalecem uma

proposta de comunicação popular alter/nativa aos modos dominantes de desenvolvimento e de conhecimento, liberta de paradigmas estrangeiros e coloniais. Abre caminhos para apreendermos de uma comunicação indígena contemporânea, que luta pela autonomia de expressão no direito à informação produzida e veiculada *por e para* indígenas e não indígenas.

**Palavras-chave:** Rádio Yandê; Etnomídia Indígena; Cidadania Comunicativa; Sujeito Comunicacional Indígena

**Resúmen:** La propuesta actual presenta la etnomedia indígena elaborada por Rádio Yandê, autodenominada “la primera webradio indígena en Brasil”, como hipótesis para una comunicación más humana, comunitaria, inclusiva y democratizadora, promoviendo el diálogo y la escucha de seres, valores, narrativas y conocimiento de culturas ancestrales. Nuestro objetivo es presentar un extracto de la investigación de nuestra Maestría reflexionando sobre cómo los sujetos comunicacionales indígenas tejen sus procesos y flujos de etnocomunicación, reconfigurando sus identidades étnicas elaborando y fomentando un territorio comunicacional de información y resistencia en el ejercicio de una ciudadanía comunicativa. Desde una perspectiva transmetodológica, elaboramos procesos y consideramos dimensiones que acogen y trabajan imbricaciones sociopolíticas, culturales y antropológicas del medio webradio concebido por sujetos comunicacionales indígenas, que son multidimensionales y generan ambientes de encuentro comunicacional e intercultural. Nuestra artesanía final nos permite concluir que la etnomedia indígena y los procesos de etnocomunicación de Rádio Yandê fortalecen una propuesta de comunicación popular alter/nativa a los modos dominantes de desarrollo y conocimiento, liberados de paradigmas extranjeros y coloniales. Nos abre caminos para entender una comunicación indígena contemporánea que lucha por la autonomía de expresión en el derecho a la información producida y transmitida por y para pueblos indígenas y no indígenas.

**Palabras-clave:** Radio Yandê; Etnomedia Indígena; Ciudadanía Comunicativa; Sujeto Comunicacional Indígena.

## INTRODUÇÃO

Para o verdadeiro (re)conhecimento das raízes ancestrais, os seres humanos têm a necessidade de contar e viver seus valores, modos de vida e

---

cosmovisões para tornarem-se parte efetiva de uma coletividade da qual compartilham sua existência. O Artigo 27 da Declaração Universal dos Direitos Humanos da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) reforça que é direito de todo indivíduo “tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, a gozar das artes e participar do progresso científico e nos benefícios que deles resultem” (ASSEMBLEIA GERAL DA ONU, 1948). Considerando o que instituem “as peles de papel”, como se refere Davi Kopenawa (2015), do povo Yanomami, como desfrutar da cultura de sua própria etnia de modo livre, se é preciso a luta diária pelos direitos fundamentais, assegurados em uma Constituição totalmente infligida? Onde está o direito de falar a própria língua, se não há investimento em escolas e a valorização da educação indígena? Se conglomerados midiáticos multiplicam mecanismos de expulsão, marginalização e subordinação de culturas, como lutar pela voz do sujeito comunicacional indígena? As sabedorias ameríndias, exploradas e investigadas ao longo de décadas por diversas áreas epistemológicas ainda são pouco dialogadas e tensionadas em ambiência comunicacional, esfera que consideramos a base para toda e qualquer transmissão do conhecimento em relação a outros campos do saber. É importante caminho para garantir o direito ao cidadão indígena a ser ouvido nas decisões que concernem ao seu bem viver, a expressar-se nos meios massivos e, essencialmente, resistir em defesa da autonomia, incentivo e respeito aos seus próprios meios multimidiáticos de comunicação.

O presente texto é um recorte de nossa trajetória de estudos de mestrado intitulada *Sujeitos comunicacionais indígenas e processos etnocomunicacionais: a etnomídia cidadã da Rádio Yandê*<sup>1</sup>, na qual investigamos a constituição das práticas etnocomunicacionais por meio da produção multimidiática da primeira web rádio indígena do Brasil, fundada

---

<sup>1</sup> *Iané*, palavra do Nheengatu, uma das línguas oficiais do Alto Rio Negro, no Amazonas, significa "nosso". A expressão foi transposta para o Tupi antigo, *Yandê*, sendo assim uma web rádio "para todos nós", educativa e cultural. “Temos como objetivo a difusão da cultura indígena através da ótica tradicional, mas agregando a velocidade e o alcance da tecnologia e da internet. Nossa necessidade de incentivar novos ‘correspondentes indígenas’ no Brasil, faz com que possamos construir uma comunicação colaborativa muito mais forte, isso comparada as mídias tradicionais de Rádio e TV. (...) Nossa grade de programação possui programas informativos e educativos que trazem para o público um pouco da realidade indígena do Brasil. Desfazendo antigos estereótipos e preconceitos ocasionados pela falta de informação especializada em veículos de comunicação não indígenas”. Rádio Yandê: Disponível em: <<https://radioyande.com/>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

pelos comunicadores indígenas Anápuàka Muniz Tupinambá Hã Hãe, Renata Machado Tupinambá e Denilson Monteiro Baniwa em 11 de novembro de 2013, no Rio de Janeiro. Autodenominada um ponto de mídia livre, a Rádio Yandê opera 24 horas no ar e prioriza a produção e veiculação de música e informação realizados exclusivamente por cidadãos indígenas, em uma rede que conta com 800 colaboradores no Brasil e América Latina. Uma de suas principais características é o respeito à oralidade ao valorizar narrativas dos povos indígenas, incluindo a preservação de informações nas línguas originárias, sem a tradução para o português ou espanhol. Atualmente, a artista plástica e comunicadora Daiara Tukano é a coordenadora.

Há 8 anos, a Yandê iniciava a sua programação com o auxílio de seus fundadores na elaboração do acervo de música e informação, além de solicitarem aos parentes<sup>2</sup> materiais por e-mail e pelo Orkut, rede social filiada ao Google e extinta dois meses antes do início das atividades da web rádio. Hoje, o conteúdo veiculado é recebido pelo serviço de mensagens instantâneas Messenger, pelas redes sociais Facebook e Instagram, e o aplicativo multiplataforma WhatsApp.

A partir disso, procuramos compreender como os *sujeitos comunicacionais indígenas* elaboram suas práticas, mobilizando marcas identitárias étnicas em busca de uma *etnomídia indígena* cidadã. Para tanto, articulamos em sua fundamentação teórica conceitos como *sujeito comunicacional indígena*, *cidadania comunicativa* e *etnomídia indígena*. Constatamos, assim, a presença de uma ambiência etnomidiática indígena brasileira composta por redes comunicacionais multidimensionais por meio da escolha de um caminho transmetodológico, o que significa dizer acolher e trabalhar *com* os saberes de cidadãos indígenas e seus produtos etnomidiáticos.

---

<sup>2</sup> Parentes é uma expressão utilizada pelos nossos coprodutores, bem como sujeitos multidimensionais indígenas com os quais experienciamos nossa pesquisa para se referirem a indígenas de etnias distintas.

## A MIRADA TRANSMETODOLÓGICA PARA UMA INVESTIGAÇÃO CRÍTICA EM COMUNICAÇÃO INDÍGENA

Para a construção de uma pesquisa científica *com sujeitos comunicacionais indígenas* se faz necessária a abertura da escuta do aprendiz-pesquisador para com a educação e a cultura de um povo. Adentramos ao universo da educação indígena e aos entrecruzamentos da educação escolar indígena com conhecimentos não indígenas. Ao serem ambas apropriadas pelo sujeito étnico significam, para Gersem Luciano dos Santos, da etnia Baniwa (2006), um caminho para a concretude de projetos socioculturais que fortalecem identidades culturais para dar conta das demandas que chegam do mundo globalizado e midiático.

Assim sendo, compreender a comunicação indígena implica em apreender a educação de uma cultura como premissa etnocomunicacional. Para os Kaiowá<sup>3</sup>, por exemplo, está na família o alicerce da comunidade que se fundamenta na prática da reciprocidade – dar e receber bens materiais e imateriais (*pytyvõ ñangasa*) – e da bela conversa (*ñe’ e vy’a*) para estabilidade e proteção em âmbito emocional-afetivo enquanto o pertencimento ao grupo se fomenta como metodologia educativa (BENITES, 2012). Trata-se de epistemologias indígenas transmitidas por gerações e a família, como a sua grande educadora.

Em um de seus textos no blog da Rádio Yandê, a jornalista Renata Machado Tupinambá (2016b) nos conta que os anciãos são conhecedores “[...] dos ciclos da terra e do céu, a música oculta que se manifesta em todas as coisas e desperta o que está adormecido”. A escuta das histórias, dos conselhos e dos cantos de sua avó materna na infância, bem como vivenciar os seus exemplos e, assim, continuar a transmiti-los “fez a cultura permanecer viva tomando formas, se adaptando em novos lugares”. Para distender e alcançar os fios do passado, faz-se necessária uma delicadeza

---

<sup>3</sup> O povo Guarani-Kaiowá é um dos subgrupos da etnia Guarani, presente no Mato Grosso do Sul e Paraguai. A última estimativa da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), de 2008, aponta para 31 mil cidadãos. Os grupos Guarani-Ñandeva, Guarani-Kaiowá e Guarani-Mbya existentes no Brasil apresentam "diferenças nas formas linguísticas, costumes, práticas rituais, organização política e social, orientação religiosa, assim como formas específicas de interpretar a realidade vivida e de interagir segundo as situações em sua história e em sua atualidade". Portal Povos Indígenas do Brasil (PIB). Disponível em: <[https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani\\_Kaiow%C3%A1](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Kaiow%C3%A1)>. Acesso em: 20 nov. 2021.

que nem sempre o cânone do pensamento hegemônico branco permite, nos adverte Márcia Mura. Ela afirma que para recuperar forças à afirmação de pertencimento “[...] é preciso se reconectar espiritualmente aos antepassados, ir puxando os fios da memória e vivenciar coletivamente o modo de ser indígena” (2018, p. 54) na cultura e no comprometimento com as lutas políticas e sociais dos povos originários.

Nutrir-se dessas experiências e visões concretas, encontrando o lugar dos cidadãos indígenas, apesar dos obstáculos socioculturais, econômicos, políticos e dos oligopólios midiáticos é um movimento desafiador no desenvolvimento de uma ecologia científica. Isto porque, para reconhecimento da transformação do mundo, acreditamos que é preciso considerar a razão multilética para trabalhar a artesanaria do conhecimento, ou seja, há necessidade de considerar o diálogo com epistemologias outras para compreender “processos, fenômenos e práxis de interrelacionamentos dialéticos, múltiplos, que expressam a densidade e a riqueza do concreto em movimento” (MALDONADO, 2013, p. 41).

As aproximações empíricas no percurso exploratório pedem exercícios metodológicos que possibilitem construir, reconstruir, desconstruir, reformular para que possamos tecer construções próprias em resposta às nossas problemáticas, ou seja, elaborando uma verdadeira artesanaria metodológica “[...] sensível às especificidades do concreto” (BONIN, 2011, p. 38). Para tanto, é preciso compreender a multidimensionalidade que constitui os sujeitos indígenas, categoria à qual Maldonado (2013) refere-se como formada por lógicas consistentes e para/consistentes, pela pluralidade estética, diversidade cultural, pelas multiplicidades linguística e discursiva, advindos de grande riqueza psíquica de tais cidadãos.

Em âmbito histórico, a partir da colonização e dos processos vindouros de miscigenação e influências culturais, o indígena elabora diferentes estratégias para a sobrevivência diante da opressão, especialmente em contexto urbano, como explica a jornalista Renata Machado Tupinambá:

[...] Nas grandes cidades a presença indígena ficou camuflada, espíritos, ossos e vozes abafados no cimento das calçadas. O concreto cresceu e ainda cresce com força em solos sagrados. Filhos e netos, para onde foram, onde estão? O que muitos não-indígenas buscam apenas nas faces ou vestimentas das pessoas nas ruas, são incapazes de ver nas histórias e o que guardam no coração. A cidade é um espaço urbano construído

dentro de antigas aldeias. Embaixo e em cima dos concretos vozes desejam ser libertadas [...] (MACHADO TUPINAMBÁ, 2016a).

A complexidade e a multidimensionalidade dos *sujeitos comunicacionais indígenas* bem como fenômenos etnomultimidiáticos produzidos por eles colocam-nos o desafio de movimentações metodológicas configuradas a partir de múltiplas perspectivas. Para concretizar a pesquisa exploratória, foram elaborados os seguintes caminhos metodológicos para a coleta de informações: 1) movimentos macroexploratórios de observação participante em encontros, debates e palestras para conhecimento de ambiências, demandas e temáticas nas quais se insere o cidadão indígena no Rio Grande do Sul, São Paulo, Bahia e Rio de Janeiro; 2) observação do trabalho comunicacional da Rádio Yandê realizado nas redes sociais Facebook e Instagram, bem como por meio dos perfis pessoais de seus fundadores; 3) entrevistas semiestruturadas em profundidade com recorte na vida comunicacional com os fundadores da web rádio Anápuaka Muniz Tupinambá Hã Hã Hãe e Denilson Monteiro Baniwa, de modo virtual e presencial; 4) observação das redes sociais Facebook e Instagram da web rádio e dos perfis pessoais da sua também fundadora, jornalista e poeta Renata Machado Tupinambá e da coordenadora Daiara Tukano, bem como análise documental constituída por suas produções textuais para as redes sociais e portal da web rádio, além da observação de habilidades e competências, através de arte e poesia; 5) escuta atenta da grade de programação da web rádio durante o período de uma semana (CARNEIRO, 2019).

Para este artigo, trazemos como recorte alguns apontamentos a partir dos movimentos de entrevistas semiestruturadas e de análise documental das produções textuais que constituem o corpus de nossa investigação.

### **SUJEITO COMUNICACIONAL INDÍGENA E A HISTÓRIA DE VIDA EM AMBIÊNCIA COMUNICACIONAL**

Para abarcar a pluralidade e riqueza formadora das histórias de vida com foco na ambiência comunicacional de nossos coparticipes de pesquisa, partimos da compreensão de *sujeitos multidimensionais indígenas*. Significa dizer que os consideramos cidadãos inseridos em multicontextos e, para Maldonado (2013), operacionalizam lógicas culturais, sociais, linguísticas, estéticas e psíquicas, em diversos caracteres constitutivos e revolucionários tecnológicos. A singularidade desses sujeitos, para além de suas identidades

étnicas, se insere em uma realidade latino-americana múltipla, não sendo meros reprodutores de estruturas.

O modo de *ser multidimensional indígena* é elaborado por histórias de “sobrevivência, luta, engenhosidades, improvisações, resoluções de problemas múltiplos, solidariedade, violências, sacanagens, exclusões que vão muito além da vida midiática” (MALDONADO, 2013, p. 98-99). Então, cristalizar esse sujeito em um passado longínquo nas repetidas narrativas dos livros de história ou nas construções que a mídia massiva tenta nos impor é desconsiderar a presença de um sujeito histórico que age por meio de suas sensibilidades e inteligências construídas ao longo do tempo, invisibilizando a existência do *modo de ser múltiplo* (*Ava kuera reko reta*) como compreende o povo Avá Kaiowá.

Ao nos trazer conhecimentos sobre a organização social de sua etnia, Tónico Benites (2012) enriquece o diálogo com nossos aportes teóricos metodológicos, ao discorrer sobre o modo de ser e do estilo comportamental (*teko laja*) de cada família Kaiowá, uma formação constituída pela vida contemporânea variada de cada sujeito, que traz experiências diversas e de contextos históricos determinados. Dessa maneira, ao invés de uma fragmentação, as famílias foram aprimorando estratégias e cada uma foi elaborando um modo de ser peculiar (*teko laja kuera*) que combina com a realidade contemporânea caracterizada pelo *teko reta*, o modo de ser múltiplo dos conjuntos das famílias indígenas Kaiowá. No entanto, o *teko reta* “continua sendo um *ñande reko*, um ‘nosso modo de ser’ sempre contraposto ao *karai kuera reko*, o modo de ser não-índio” (BENITES, 2012, p. 23). Sinaliza assim que concebem e interpretam a realidade cotidiana vivida sob a sua própria tradição, a partir da qual produzem as explicações e planejam as suas ações com os *karai*, os não indígenas, nesse contexto histórico.

O *modo de ser múltiplo* Avá Kaiowá nos fala sobre a importância de compreendermos a existência da multidimensionalidade oriunda de cada etnia e, portanto, fortalece nossas pistas acerca de um modo de ser comunicacional específico de cada povo, corroborado em nossa investigação por meio de nossos coprodutores de pesquisa. Desse modo, entendemos como *sujeitos comunicacionais indígenas*, uma vez permeados por estilos discursivos, lógicas produtivas, modelos ideológicos e informativos produzidos por indústrias culturais, mas em seus cotidianos, sujeitos que superam estratégias, formatos, gêneros, matrizes por meio de suas



particulares contradições e suas informações a partir desses sistemas hegemônicos.

“Sou pai de cinco filhos, avô e comunicador indígena”. Ao ouvir pela primeira vez a frase e escutar o nome de nosso principal coprodutor de pesquisa, Anápuàka, uma constelação de sentidos se abriu em nosso caminho investigativo, a respeito de um sujeito de nome Tupinambá e que na carteira de identidade registra-se “Erick”. Na esteira civilizatória de origem portuguesa, também carrega o sobrenome Muniz. Apesar de gerado na aldeia Caramuru Paraguassu, do povo Pataxó Hã Hã Hãe, na cidade de Pau Brasil, no Sul da Bahia, Anápuàka nasceu em São Paulo, atual favela Nova Divineia, embalado pelo sonho da família em tentar a vida na cidade grande. Lembra com orgulho a inauguração da linha azul do metrô da cidade em 1974, porque sabia que o pai, na época pedreiro, havia construído o trecho que liga a estação Jabaquara à Santana.

No entanto, a separação da família em razão da entrada do pai para o movimento indígena, o retorno para a aldeia e a luta pela retomada de terras ao lado da comunidade, sem poder ir à escola e sem acesso aos meios de comunicação por um ano, o segundo casamento da mãe com um homem rico, levando-o a morar com eles no Rio de Janeiro, são algumas das vivências que permeiam a sua existência. Aos 12 anos de idade, de volta ao centro urbano, o menino, que aprendeu a ler aos cinco, devorava livros, gibis, fitas cassetes, vinis, programas de TV, jornais e revistas. Neste período, Anápuàka produziu seu primeiro *fanzine* com um vizinho de condomínio que denunciava na capa o esquema carioca de refinamento da cocaína. A repercussão do exemplar lhe rendeu uma conversa na delegacia. Anos mais tarde, da montagem das aparelhagens de som e da programação de computadores, seguiu para as mesas de *sampler*. Se tornou DJ nas festas da escola e organizou tantas outras pela cidade. Gravou *jingles* publicitários que o impulsionaram para os microfones de rádios comunitárias e comerciais. Fez a graduação em Marketing e decidiu, por fim, trilhar o mesmo caminho do pai: entrar para o movimento indígena e, através da comunicação, fortalecer as inter-relações entre as comunidades.

Sair do Rio Negro, sonhar em ser ator como Bruce Lee ou Van Damme, após brincar de lutar boxe e assistir *Telecatch*<sup>4</sup>. Na década de 1990, a televisão

---

<sup>4</sup> *Telecatch Montilla* foi a versão brasileira de um programa de lutas livres e um dos programas responsáveis por alavancar a audiência da TV Globo na década de 1960.

era uma vitrine de possibilidades para o artista plástico, designer gráfico e também fundador da Rádio Yandê, Denilson Baniwa. Pensava que essa possibilidade talvez não fosse para sua gente e nem para os brancos. Mas era uma ideia de mudança real e imaginava como seria legal ter um filme ou espaço para um programa na TV. No entanto, vivenciava um cotidiano repleto de adversários reais, travestidos na crueza da invisibilidade, do preconceito, da miséria e da impossibilidade de mudança<sup>5</sup>.

Durante o tempo em que viveu na casa dos avós para cursar o Ensino Fundamental, em Barcelos, no Amazonas, duas situações marcaram muito a sua vida: acompanhar a eleição do presidente Fernando Collor de Melo pelo televisor de tubo dos avós, e o medo que sentiu assistindo *Alien, O Oitavo Passageiro*, filme de 1979, dirigido por Ridley Scott. Embora tenha frequentado cursos de Informática, o pensamento sempre foi o de fazer Comunicação para poder auxiliar sua comunidade e outros povos. Denilson queria dedicar-se ao marketing de guerrilha, uma produção que utiliza de táticas e poucos recursos financeiros:

[...] O meu pensamento era assim: nós não temos nenhum dinheiro, né? Isso é fato. Índio não tem dinheiro. Como é que eu vou conseguir criar campanha sem dinheiro? E aí, tem uma estratégia de publicidade e de marketing, que chama marketing de guerrilha, que é: ser criativo a ponto de não precisar de muito dinheiro para alcançar um objetivo, uma comunicação [...] (MONTEIRO BANIWA apud CARNEIRO, 2019).

Na adolescência, Denilson participou de reuniões em que ouvia outros parentes sobre a possibilidade de mudar a própria vida, lutando por algo chamado “direito”. Por não existir na época uma escola indígena, frequentou uma instituição salesiana, onde teve acesso a uma vasta

---

Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/telecatch-montilla.htm>. Acesso em: 20 nov. 2021.

<sup>5</sup> Do texto “*O que os jovens indígenas querem?*” de Denilson Baniwa, publicado em 10 de dezembro de 2017 no blog da Rádio Yandê. Disponível em: [http://radioyande.com/default.php?pagina=blog.php&site\\_id=975&pagina\\_id=21862&tipo=post&post\\_id=770](http://radioyande.com/default.php?pagina=blog.php&site_id=975&pagina_id=21862&tipo=post&post_id=770). Acesso em: 20 nov. 2021.

---

literatura e descobriu a paixão por quadrinhos e pela *pop art*. Foi tentar a vida no Rio de Janeiro, onde cursou Publicidade e Propaganda e experimentou o mundo publicitário carioca até pedir demissão e dedicar-se às artes plásticas que cultivam vínculos cultural, social, político e afetivo com sua comunidade no Alto Rio Negro, elementos refletidos hoje em suas obras<sup>6</sup>.

Renata Tupinambá nasceu em Niterói, no Rio de Janeiro e trabalha com a comunicação indígena desde 2008, a convite da líder Yakuy Tupinambá<sup>7</sup>. Aos 16 anos começou a ter contato com os parentes de mesma etnia, quando (re)encontra a força da memória, da narrativa e da comunicação na palavra que lhe fora passada por seus avós, rompendo um processo de silêncio no instante em que procura dar voz a si mesma. Carregar o nome de sua cultura é uma forma de educar o não indígena sobre a inexistência da figura do “índio”, um personagem inventado. No entanto, vai “caminhando por esse direito à voz, por esse direito ao rosto. E por esse direito também à comunicação e a políticas públicas para a comunicação indígena, que não são discutidas no Brasil” (MACHADO TUPINAMBÁ, 2018).

Mestra em Direitos Humanos pela Universidade de Brasília (UnB) e professora de Artes, Daiara Tukano tem os nomes Hori Duhigo, metade da etnia Nambikwara e a outra, Tukano. Hori, que significa “a miração”, é a primeira filha do líder indígena Álvaro Tukano. Nasceu na capital paulista, mas experienciou outros países, como Colômbia e França. Durante a infância, enfrentou constrangimentos na escola quando mostravam a imagem do “índio” e, como não se identificava, não comentava o ocorrido para a família. Sentia-se triste por saber que, se os colegas suspeitassem de suas raízes, poderia não ser acolhida, pois “já era a tímida-gordinha-quatro-olhos-nerd-da-turma, era criança e não tinha maturidade nem coragem de ser mais diferente ainda, ou então ia ser tratada como E.T.” (FIGUEROA SAMPAIO TUKANO, apud CARNEIRO, 2019).

A partir dessas e outras pistas reveladas durante a etapa do processo de construção e sistematização transmetodológica, os *sujeitos comunicacionais indígenas* fundadores e produtores de conteúdo

---

<sup>6</sup> Denilson Baniwa. Disponível em: <https://www.behance.net/denilsonbaniwa>. Acesso em: 20 nov. 2021.

<sup>7</sup> Sobre Maria Yakuy Tupinambá. Cartas Indígenas ao Brasil. Disponível em: <<https://cartasindigenasaobrasil.com.br/biografia/yakuy-tupinamba/>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

etnomidiático da Rádio Yandê nos trazem saberes, competências e habilidades comunicacionais e culturais que compõem identidades étnicas multidimensionais fluídas ao transitarem em distintos cenários. Em uma ambiência midiaticizada, na qual estão inseridos e celebram relações históricas com os meios, compreendemos que as apropriações midiáticas são transpassadas por conexões e situações de apropriação de mídias outras. As vivências apreendidas entre aldeia e cidade, constituintes de uma espécie de família ampliada, entendida como uma rede e um local de memórias, nas palavras de Stuart Hall (2003), mostra como os elos permanecem fortes em mais de uma geração e em uma distância não muito longa, como do concreto das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro às aldeias no Alto Rio Negro ou localizadas na Bahia.

Por outro lado, ao propor atravessamentos nessa ponte intercultural, ao contrário de formatos fechados e homogêneos de pertencimento étnico indígena, ocorre, sim, uma abertura mais ampla nas fronteiras culturais cultivadas no jogo da semelhança e da diferença. Visualizamos em suas histórias de vida, com foco comunicacional, a noção de fronteiras elaborada por Barth (1969), como pontes interculturais que, por mais que conectem e promovam o livre trânsito objetivo e subjetivo entre a vida na aldeia e a vida em contexto urbano, arquitetam linhas demarcatórias que sublinham o sistema social ao qual sentem-se pertencentes e identificam outros sujeitos inseridos em outras lógicas sistemáticas.

### **ETNOMÍDIA INDÍGENA: A LUTA DE COMUNICAR PARA DESCOLONIZAR**

A *etnomídia indígena*, para Anápuàka Muniz Tupinambá Hã Hã Hãe (2017; CARNEIRO 2019), é um fazer político-comunicacional exclusivo de *sujeitos comunicacionais indígenas* que se apropriam de linguagens multimidiáticas para a produção de suas próprias narrativas, elaborações que diferem daquelas realizadas por comunicadores não indígenas em mídias massivas, posicionados em ambiências históricas, sociais, políticas, culturais, econômicas, emocionais divergentes de enunciação. É uma comunicação, portanto, que acolhe a diversidade cultural flexível e mutável de cada etnia, ultrapassa fronteiras geográficas e permite uma nova mirada dos processos etnocomunicacionais, elaborados desde a relação com o público a novas estruturas de formatos jornalísticos pautadas pelas visões étnicas, como nos coloca Renata Tupinambá:

[...] Etnomídia é uma ferramenta de empoderamento cultural e étnico, por meio da convergência de várias mídias dentro de uma visão etno. Por isso o uso deste prefixo. [...] podendo ser executada por diferentes identidades étnicas e culturais. A apropriação dos meios de comunicar tornou possível aos povos serem seus próprios interlocutores [...] (MACHADO TUPINAMBÁ, 2016b).

Considerando culturas com seus conhecimentos e saberes ancestrais, é possível pensar a *etnomídia indígena* como uma comunicação *alter/nativa*, como nos propõe Torrico Villanueva (2016) para sublinhar o poder de alteridade com o cidadão nativo frente à comunicação. Das raízes de modos de vida do *sujeito multidimensional indígena*, marcadas pela colonialidade à qual foram subjugados e violentados, sustentada em três grandes planos do regime moderno do capital: o poder, o saber e o ser, sugere-se a retomada do desenvolvimento dos povos pré-colombianos quanto às diversas formas de comunicação, enfrentando assim a concepção eurocêntrica da história da comunicação, na qual tem a gênese da exclusão na escrita alfabética com impressão dos tipos móveis.

Os ricos modos de vida ameríndios e afro-americanos que constituem a realidade latino-americana foram reduzidos, como nos lembra Maldonado (2011), a expressões pejorativas como “bagunça”, “atraso” e os anacronismos sociais diante dos parâmetros de vida estadunidense, entendidos como o que há de mais moderno. A partir disso, ficam claras “as carências das elites ineficientes, medíocres e ignorantes que nos governam”, em pleno século XXI, na mesma medida em que não podemos mais fechar os olhos para um cenário mundial repleto de “formas de vida comunitária que conservam formas colaborativas, tribais, ritualísticas e de solidariedade como elementos centrais de sua vida cotidiana e produtiva” (MALDONADO, 2011, p. 4).

Para que se apreenda do tipo de etnomídia que uma aldeia deseja realizar, é necessário compreender as diferentes ambiências que atravessam os sujeitos naquela realidade e, para isso, ao realizar uma oficina de etnomídia em uma comunidade, por exemplo, Anápuàka conta com a didática adquirida no constante trânsito pela ponte intercultural aldeia e cidade:

[...] Então, é bater papo: contar as minhas experiências, rir dela, falar das bobagens. Como eu sou um indígena em contexto urbano, como eu fui um indígena em contexto de aldeia. [...] Eu não posso chegar, simplesmente: "É assim." Mas, o que vocês querem? Eu estou aqui para auxiliar na construção do que vocês querem. "Ah, a gente quer uma

rádio". Mas, vocês sabem como fazer rádio? "Não. Mas, como é uma rádio?". E você tem que ver como é que eles veem isso tudo também. Como é que ele vê um audiovisual, como é que ele vê uma televisão? Como é que ele vê um jornal, como é que ele vai ver aquilo tudo? Porque eu posso simplesmente tirar o sonho daquelas pessoas. Por que? Do jeito que eles pensam é que tem que ser feito [...] (MUNIZ TUPINAMBÁ HÃ HÃ HÃE apud CARNEIRO, 2019).

A partir de anseios e demandas, bem como competências e habilidades apresentados pelos sujeitos comunicacionais, os comunicadores da Rádio Yandê auxiliam a encontrar não apenas o meio comunicacional que aquela aldeia mais se identifica e gostaria de trabalhar. Quando alguns grupos manifestam vontade pela reprodução de formatos midiáticos não-indígenas, destaca-se o papel da educomunicação realizada pela web rádio, o que para Anápuàka Muniz Tupinambá Hã Hã Hãe os incentiva no resgate e fortalecimento de suas identidades étnicas por meio de suas culturas, narrativas e saberes orais:

[...] Se eles pensam que um programa de rádio tem que ser feito no poste, a gente faz no poste. Na programação, se tem que fazer a programação do arrocha, a gente fala: "Sim, é legal o programa do arrocha<sup>8</sup>, mas o arrocha é da tua cultura? Você não gostaria de mostrar muito mais pro povo da cidade, que vocês são indígenas?". [...] Porque o deles [não-indígenas], eles vão ouvir na rádio deles. Agora, é sua rádio. É a rádio do seu povo. É a força de vocês pra comunicar o que vocês pensam, o que vocês querem mostrar culturalmente: a música, a história do seu povo, a história de outros parentes". Então, você tem que chegar pra eles e falar. Eles podem tudo, mas eles querem reproduzir o que o branco também faz? [...] (MUNIZ TUPINAMBÁ HÃ HÃ HÃE apud CARNEIRO, 2019).

Dessa maneira, a dimensão educomunicacional da Rádio Yandê mostra que é possível (re)existir e ressignificar a própria cultura étnica através de

---

<sup>8</sup> "O arrocha é um gênero musical que começa a ser produzido e consumido na Região Metropolitana de Salvador no final dos anos 1990. [...] é uma alusão à forma de dançar 'arrochado', ou em outras palavras 'agarradinho'. [...] a base rítmica é composta por um teclado-arrañador (que contém ferramentas específicas para a criação de arranjos) e uma guitarra. As letras têm como assunto principal o sofrimento, sempre de amor [...]" (VLADI, 2015, p. 10).

uma mídia comunitária. Para Peruzzo (2003), um meio realizado neste formato propõe a difusão de temáticas específicas das comunidades que não encontram espaço na mídia massiva para suas demandas; a promoção da participação direta do cidadão que não é um profissional da comunicação; que tem a intenção de contribuir para a elaboração e desenvolvimento das comunidades, amplificando o exercício de direitos e deveres da cidadania; que fomenta redes para articular questões de âmbitos nacional e internacional; que não possui uma finalidade lucrativa, a não ser o apoio para manter e auxiliar colaboradores e correspondentes, como no caso da Rádio Yandê.

Em sua essência, a *etnomídia indígena* proposta pela “primeira web rádio indígena do Brasil” busca maneiras de viver bem, de trilhar um caminho conjunto para os povos originários. Provoca quanto à necessidade e urgência do diálogo e, especialmente, escuta do cidadão indígena para que, assim, reconstitua seu papel de agente histórico, concomitantemente à proposta da superação da colonialidade e libertando o *sujeito comunicacional indígena* em diferentes dimensões, processos e situações.

#### **CIDADANIA COMUNICATIVA: ESTRATÉGIAS PARA A ETNOMÍDIA INDÍGENA**

Para que tensionemos nossas observações sobre uma *etnomídia indígena* enquanto processo de autocomunicação, como diria Castells (2013), que seja cidadã, trazemos a nossa compreensão do conceito de cidadania sob a perspectiva de Adela Cortina (2005). A noção pontua um grupo de direitos e responsabilidades que caminham conjuntamente à identidade de um cidadão que se sabe e se sente pertencente. A partir daí, vai tecendo vínculos entre grupos sociais divergentes e, assim, elaborando uma cidadania complexa, plural e diversa. Desse modo, compreendemos a cidadania como um dever de elo entre as sociedades de distintas culturas, promovendo uma “cidadania multicultural, capaz de tolerar, respeitar ou integrar as diferentes culturas de uma comunidade política” (CORTINA, 2005, p. 140), por meio dos princípios do diálogo e escuta entre essas culturas, fazendo com que os seres humanos se sintam cidadãos.

Embora uma árdua luta necessite ser enfrentada ainda pelos povos originários para o pleno exercício de uma cidadania comunicativa, que interrompam discursos violentos, racistas e de exclusão elaborados por oligarquias midiáticas hegemônicas, as iniciativas multimidiáticas indígenas se amplificam em meios digitais com a premissa indispensável do diálogo intercultural. Não podemos pensar nas apropriações de meios

comunicacionais como movimentos de assimilações à cultura dominante. Trata-se de uma possibilidade de conservarem, segundo Cortina (2005), sua adesão a identidades culturais diversas. Embora vivamos em um estado poliétnico, os problemas surgem quando se defrontam visões de mundo divergentes. Para o enfrentamento dessa negação de modos de vida, é necessário o exercício de uma cidadania reivindicativa, que proponha a quebra de raciocínio econômico liberal de exploração de recursos minerais e hídricos em áreas indígenas, ação que atinge diretamente o cerne dos direitos do *sujeito multidimensional indígena*.

Além de respeitar pressupostos políticos, sociais e culturais distintos, a Rádio Yandê trabalha de modo que cada etnia possa exercer a sua cidadania comunicativa, um aspecto fundamental invisibilizado e que, para Anápuàka, é desconsiderado pelos conglomerados midiáticos ao colocarem todo e qualquer cidadão indígena na mesma condição:

[...] Não somos pasteurizados. Nós somos muitos e cada um vai construindo a sua [comunicação]. Kaingang é Kaingang e sempre será. Tá a mídia Kaingang lá pra isso, pra responder por isso. Tem as mídias indígenas do Nordeste, Centro-Oeste, do Alto Rio Negro [no Amazonas]. E quando ele [o indígena] entra nesse ambiente, ele assume essa identidade [de comunicador]. E a Yandê, os colaboradores, os correspondentes fazem isso. Correspondente ainda entra em outro patamar: ele deixa de ser etnocentrista, ele para de olhar só o próprio umbigo e ela passa a olhar que, ele como responsável de construir pautas e conteúdo, ele tem que trabalhar com todo mundo ao redor dele, fazendo essas redes e alianças. E ele, diminui essas distâncias nossas também [...] (MUNIZ TUPINAMBÁ HÃ HÃ HÃE apud CARNEIRO, 2019).

A rede comunicacional da Rádio Yandê, com cerca de 800 correspondentes e colaboradores no país e fora dele, diminui os espaços culturais e geográficos por meio do diálogo e escuta nas redes digitais. Debatem desde questões que envolvem pautas discutidas no Congresso Nacional até temas sobre educação e cultura indígena, como explica a jornalista Renata Machado Tupinambá (CARNEIRO, 2019). Essa comunicação se estabelece nos mais variados cenários e situações: há aldeias em que não é possível falar por telefone, mas pela internet, mesmo com o sinal de transmissão lento ou caindo, como por exemplo nas escolas dentro das comunidades; há, ainda, o comunicador indígena que vai até à cidade para acessar a internet, baixar ou enviar o conteúdo para, depois, retornar à

---



aldeia com as informações a fim de compartilhá-las aos parentes. Anápuàka explica que apesar das adversidades e dificuldades de acessibilidade às redes digitais, é através delas que ocorre a maior partilha de conteúdo, conhecimento e troca de informações, com simples gesto da abertura ao diálogo:

[...] E, a gente chega [para o cidadão indígena, seja via redes digitais ou presencial], na boa e fala: "Olha, a gente tem um projeto [a Rádio Yandê], quer participar? Quer mostrar sobre a sua cultura? Quer mostrar o melhor de você? Você quer? Você quer auxiliar a ser melhor a tua comunidade? Quer mostrar o melhor do teu povo?"[...] (MUNIZ TUPINAMBÁ HÃ HÃ HÃE apud CARNEIRO, 2019).

Considerando a diversidade étnica indígena de 305 etnias e 274 línguas faladas no Brasil, a aproximação para a construção do diálogo nem sempre é uma tarefa fácil. Para que se concretize, Anápuàka Muniz Tupinambá Hã Hã Hãe, Renata Tupinambá, Denilson Baniwa e Daiara Tukano se articulam e decidem sobre quem vai estabelecer a ponte dialógica. Em uma de nossas primeiras entrevistas, Anápuàka deixa claro que a comunicação pode não ocorrer por entraves sociais, culturais e hierárquicos, seja pelo tempo, pelo gênero, pela influência política e da localidade geográfica daquela etnia específica:

[...] A Renata tem habilidades fantásticas! Aí, tem momento que ela diz: "Anápuàka, eu não consigo. Você que tem que conversar com Fulano, com Beltrano, que eles vão te respeitar por você ser mais velho, por você ser um ancião, por ser um homem, por você estar no movimento [indígena] a mais tempo. Eles não vão abrir isso pra mim. Ou, você conversa com a mulher tal porque a mulher tal é casada com Fulano de tal que você já conhece e diminui as relações..." [...] (MUNIZ TUPINAMBÁ HÃ HÃ HÃE apud CARNEIRO, 2019).

Além da troca de informações entre os comunicadores e colaboradores indígenas da Rádio Yandê, esse processo comunicacional também é realizado com outros cidadãos indígenas, articulados e inseridos em outras redes de comunicação e com aqueles que simplesmente ouviram falar do trabalho realizado pela web rádio e tem a possibilidade de tornarem-se futuros colaboradores. Anápuàka explica como faz essa aproximação, com o auxílio das redes sociais:

[...] [Eu pergunto] E você, meu parente? Você é de onde? ‘Ah, sou da região tal’. E aí, como é que estão as coisas com você? Como é que tá a família, como é que tá os parentes? Como é que tá o tempo aí? E a luta, como é que vai? E você vai gerando os links. ‘Ah, poxa! Aqui na minha aldeia é assim, assim’. Você explica que na sua, você tem problemas iguais, semelhantes [...]. Você dá uma experiência pra ele, que ele não conhecia [...] (MUNIZ TUPINAMBÁ HÃ HÃ HÃE apud CARNEIRO, 2019).

Em suas práticas, a web rádio trabalha com a concepção de uma grande rede comunicacional “nodal”, onde cada *sujeito comunicacional indígena* é um nó dessa tessitura, na qual seus comunicadores se colocam como um elemento “intercambiador” comunicacional na concepção de Castells (1999, p. 17), presente em ambiências em que se imbrica a vida na comunidade e em contexto urbano por uma tecnologia digital que vem redesenhando maneiras de habitar o mundo. Utilizam de metodologias indígenas para a construção das redes etnocomunicacionais, o que significa que não definem o padrão de comunicação, mas os sujeitos comunicacionais da etnia, especialmente os anciãos da comunidade, como nos explica Renata Machado Tupinambá:

[...] eles vão e dizem como eles veem que deve ser esse processo e como é a visão deles de mundo e como é a comunicação deles. Então, a gente ajuda a eles fazerem essa apropriação, mas é o olhar deles, de acordo com o olhar deles. É a comunicação deles, é a metodologia deles [...] (MACHADO TUPINAMBÁ apud CARNEIRO, 2019).

Ainda que o real exercício da cidadania comunicativa seja ameaçado, mediante entraves burocráticos e em nome de privilégios políticos e econômicos de um Estado, o cidadão indígena vai reinventando os modos de comunicar, fomentando diferentes parcerias e projetos, gerando seus próprios processos sociocomunicacionais (PERUZZO, 2016) que sublinhem o respeito ao caráter multicultural e pluriétnico.

É preciso dissolver com a concentração de mídias oligopólicas em poucas famílias, confrontando tais sistemas hegemônicos que se apropriam indevidamente do espectro eletrônico e do bem social comum, sem a promoção do debate e que deseja apenas maximizar lucros e minimizar investimentos (MOGLEN, 2012). Ainda que uma legislação democrática que

garanta a liberdade de expressão esteja muito distante da realidade, a constituição de contrapoderes simbólicos por meio das interconexões tecidas em redes comunicacionais (CASTELLS, 2013) são imprescindíveis. Porque o direito à comunicação é uma condição para a cidadania e para sua concretude, é preciso que comecemos o diálogo. Já nos advertia Paulo Freire que, quanto mais cedo iniciamos a dialogicidade, mais revolução será. Como exigência radical dessa insurgência, o diálogo atende a outra condição drástica: a de que os cidadãos como seres humanos “não podem ser de fora da comunicação, pois que são comunicação” (FREIRE, 2016, p. 172).

### **PARA FINALIZAR... SEJA UM BOM ANCESTRAL HOJE!**

É preciso que nos aprofundemos na produção “alter/nativa” simbólica ao aprender com os povos originários de que maneira se apropriam, utilizam e compartilham dos meios multimidiáticos para a produção e expansão de seus conhecimentos. Desse modo, realizamos uma espécie de caminho de volta para a casa, reaprendendo nossos saberes ancestrais enquanto brasileiros e latino-americanos.

Há urgência na aprendizagem de práticas comunitárias cotidianas a partir das premissas do diálogo e, especialmente, da escuta das narrativas de *sujeitos multidimensionais indígenas* como caminhos profícuos para o desenvolvimento e evolução da cidadania comunicacional e científica. Também reforçamos a apreensão de conhecimentos *com* suas redes comunicacionais coletivas, colaborativas e horizontais. São esses tecidos que lutam e resistem no trabalho da preservação da memória, da tradição e de raízes ancestrais, ao passo que também são movimentos de uma busca incessante de cidadania e dignidade para suas identidades e culturas na contemporaneidade.

Avançar nos estudos de processos e lógicas etnocomunicacionais significa engajar esforços para compreender como as experiências subjetivas de *sujeitos multidimensionais indígenas* atravessam suas experiências históricas, culturais e tradicionais em um tempo que não é sincrônico e que nunca permaneceu cristalizado, mas constituído por uma rede de intencionalidades.

A *etnomídia indígena* não é um fazer político-comunicacional que deseja somente o resgate de uma memória ancestral para que não haja a sua perda. Para além disso, fomenta apreender do passado e presente para uma reelaboração do futuro em novas formas de produzir comunicação e identidades. Os processos etnocomunicacionais indígenas são tecidos no

respeito à natureza, nos descaminhos da informação canonizada do colonizador, na imprevisibilidade e flexibilidade daquilo que parece certo, pronto, arranjado e produzido.

Para o *sujeito comunicacional indígena*, a comunicação se constitui no respeito à fala e à escuta das narrativas tradicionais e suas cosmovisões nutridas pela família, pela comunidade, pelo conselho do fogo e pela sabedoria dos *xapiri*, os espíritos da floresta, como diria Davi Kopenawa (2015). Da mesma forma, são processos que se elaboram nos sinais falhos do *wi-fi*, nas histórias de vida de pais, filhos, netos que vivem nas aldeias ou nas grandes cidades e que revivem a tradição e a novidade.

Na partilha de experiências, ao longo desses quatro anos, Anápuàka sempre faz questão de lembrar a si mesmo e de resgatar em nossa essência de aprendiz-pesquisadores, a frase: “seja um bom ancestral hoje”! Significa dizer do respeito a cada nação indígena que garante a nossa vida presente sobre terras repletas de espíritos e cultivadas por um sangue ancestral o qual, repetidamente, ignoramos por estupidez e racismo estruturais colonizados. Uma ignorância alimentada, diariamente, pelo simples fato de merecer o respeito e a liberdade para ser quem se é: um cidadão indígena. A *etnomídia indígena*, ao utilizar e apropriar-se de meios multimidiáticos, continuará a transgredir e a (re)existir para o exercício de uma cidadania comunicativa e de existências.

## REFERÊNCIAS

ASSEMBLEIA GERAL DA ONU. "**Declaração Universal dos Direitos Humanos**". "Nações Unidas", 217 (III) A, 1948, Paris, art. 27. Disponível em: <<http://www.un.org/en/universal-declaration-human-rights>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

BARTH, Fredrik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

BONIN, Jiani Adriana. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: EFENDY MALDONADO, Alberto et al. (orgs.). **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

BENITES, Tônico. **A escola na ótica dos Ava Kaiowá: impactos e interpretações indígenas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

CARNEIRO, Raquel Gomes. **Sujeitos comunicacionais indígenas e processos etnocomunicacionais**: a etnomídia cidadã da Rádio Yandê. Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2019. Orientação: Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado de La Torre. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/8195>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do Mundo**: uma teoria para cidadania. São Paulo: Loyola, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

KOPENAWA, Davi.; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MACHADO TUPINAMBÁ, Renata. **Sobre os nossos ancestrais**: Somos as sementes dos sonhos de nossos avós. Texto publicado no blog da Rádio Yandê em 20 de fevereiro de 2016a. Disponível em: <[http://radioyande.com/default.php?pagina=blog.php&site\\_id=975&pagina\\_id=21862&tipo=post&post\\_id=513](http://radioyande.com/default.php?pagina=blog.php&site_id=975&pagina_id=21862&tipo=post&post_id=513)>. Acesso em: 20 nov. 2021.

MACHADO TUPINAMBÁ, Renata. **Etnomídia, uma ferramenta para a comunicação dos povos originários**. Texto escrito para a publicação online Brasil De Fato em 11 de agosto de 2016b. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2016/08/11/etnomidia-por-uma-comunicacao-dos-povos-originarios/>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

MACHADO TUPINAMBÁ, Renata. **“Eu quero ligar a TV e ter ali um conteúdo produzido por indígenas”**. Entrevista concedida ao Portal Povos Indígenas do Brasil em dezembro de 2018. Disponível em: <[https://pib.socioambiental.org/pt/%E2%80%9CEu\\_quero\\_ligar\\_a\\_TV\\_e\\_ter\\_ali\\_um\\_conte%C3%BAdo\\_produzido\\_por\\_ind%C3%ADgenas%E2%80%9D?utm\\_source=isa&utm\\_medium=Redes&utm\\_campaign=PIB](https://pib.socioambiental.org/pt/%E2%80%9CEu_quero_ligar_a_TV_e_ter_ali_um_conte%C3%BAdo_produzido_por_ind%C3%ADgenas%E2%80%9D?utm_source=isa&utm_medium=Redes&utm_campaign=PIB)>. Acesso em: 20 nov. 2021.

MALDONADO, Alberto Efendy. **A construção da cidadania científica como premissa de transformação sociocultural na contemporaneidade**. Trabalho

Alberto Efendy Maldonado  
Anápuáka Muniz Tupinambá Hã Hã Hãe  
Raquel Gomes Carneiro

---

apresentado ao GT Comunicação e Cidadania do XX Encontro da Compós na UFRGS, Porto Alegre, 14-17 jun. 2011.

MALDONADO, Alberto Efendy. Pensar os processos sociocomunicacionais em recepção na conjuntura latino-americana de transformação civilizadora. In: ROSÁRIO, Nísia Martins do (Org.). **Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em Comunicação**. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

MOGLEN, Eben. El manifiesto puntoComunista. In: LAGO, Silvia (Comp.). **Ciberespacio y Resistencias: exploración en la cultura digital**. Buenos Aires: Hekht Libros, 2012. p. 69-81.

MUNIZ TUPINAMBÁ HÃ HÃ HÃE, Anápuáka. “**Mídia de massa não funciona para propagar comunicação indígena**”: um dos fundadores e coordenadores da Rádio Yandê, fala sobre as tecnologias de comunicação indígena, da pintura corporal à produção audiovisual, durante o evento Mekukradjá - Círculo de Saberes, ocorrido no Itaú Cultural. São Paulo, 6 de out. 2017. Disponível em: <<https://soundcloud.com/itaucultural/anapuaka-tupinamba>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

MUNIZ TUPINAMBÁ HÃ HÃ HÃE, Anápuáka. Entrevista concedida a Raquel Gomes Carneiro. Rio de Janeiro, 20 mai. 2018. In: CARNEIRO, Raquel Gomes. **Sujeitos comunicacionais indígenas e processos etnocomunicacionais: a etnomídia cidadã da Rádio Yandê**. Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2019. Orientação: Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado de La Torre. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/8195>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

MURA, Márcia Nunes Maciel. **Da sutileza de puxar os fios da própria história**. IHU Online. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, edição 527, 27 ago. 2018. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7399-da-sutileza-de-puxar-os-fios-da-propria-historia>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

PERUZZO, Cicília. **Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária**. Trabalho apresentado no Núcleo de Comunicação para a Cidadania, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

SANTOS LUCIANO, Gersem dos. **O Índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

TORRICO VILLANUEVA, Erick R. **Hacia la Comunicación decolonial**. Serie Integrar. n. 2. Sucre, Bolivia: Universidad Andina Simón Bolívar (UASB), 2016.

VLADI, Nadja. **O sotaque pop da sofrência**. As estratégias de comunicação do arrocha para se posicionar como música pop mundial. Trabalho apresentado ao GP Comunicação, Música e Entretenimento do XXXVIII Congresso Brasileiro das Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro – RJ. Intercom, 2015.